

# A GESTÃO ESCOLAR FACE AO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA

Adinéia Parizotto\*  
Sonia Marta Alberici\*\*

## Resumo

Neste artigo teve-se como objetivo analisar qual a reação dos diretores de escolas de educação básica de Xanxerê, SC e propor pontos de ação em gestão escolar, quando eles são chamados a se posicionar sobre fenômenos específicos de violência vivida em outros contextos acadêmicos. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisas bibliográficas, a fim de eleger um quadro teórico, e notícias que relatam, em níveis nacional e internacional, a perspectiva de posição sobre o tema, considerando o elevado número de notícias relacionadas à violência escolar e os dados empíricos obtidos por meio de um questionário. Depois de concluir este trabalho, observaram-se dois entendimentos para insistir sobre o resgate de mudanças e sobre a transferência do aluno, com a finalidade de acabar com a violência na escola.

Palavras-chave: Violência na escola. Gestão escolar. Posicionamento dos gestores. Jornal Folha de São Paulo.

## 1 INTRODUÇÃO

Matérias vinculadas à violência nas escolas tornaram-se repetitivas nos meios de comunicação nos últimos anos, acometendo não somente a sociedade, mas ações relacionadas à gestão escolar, havendo uma grande preocupação de políticas públicas e sociais sobre o assunto.

Pensando em gestão nesse fenômeno de violência escolar que está em voga, faz-se pertinente uma gestão democrática, com efetiva participação de educadores, pais, alunos e funcionários da escola, permitindo romper barreiras e obstáculos diante do processo de desenvolvimento e auxiliando no processo de ensino-aprendizagem. Mas é utopia pensar que em todas as escolas se faz presente uma educação participativa, orientadora e determinada em mudar a realidade de hoje, o aumento de violência nas escolas.

Nessa perspectiva, no presente estudo relatam-se fatos manifestados em meios de comunicação, em que gestores, frente às situações de atos violentos, manifestam-se ausentes no que se diz respeito à gestão democrática. Nesse contexto, surgem as seguintes questões de pesquisa: qual a atitude da gestão escolar em face dos atos violentos no âmbito escolar? Que aspectos caracterizam o planejamento da gestão escolar perante o crescimento da violência em todos os domínios sociais? Frente ao alto índice de noticiários vinculados ao fenômeno da violência escolar na última década, qual é o posicionamento dos gestores?

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada foi baseada primeiramente em pesquisas bibliográficas com autores que contribuíram para fundamentar essas reflexões. Metodologia é a internalização do conhecimento, é o que fazer para chegar ao objetivo: “[...] método se apresenta como um plano de ação, relacionando-se com a estratégia para o atendimento de um objetivo, a técnica trata da forma de realizar a atividade de operacionalizar o método.” (NARDI; SANTOS, 2003, p. 25).

O método utilizado nesta pesquisa foi a pesquisa exploratória de caráter descritivo e comparativo, conforme Nardi e Santos (2003, p. 54), que buscam informar ao pesquisador a real importância do problema, em que estágio se encontram as informações acerca dele e também revelar possíveis novas informações sobre o assunto pesquisado.

Foram analisadas escolas estaduais de educação básica do Município de Xanxerê, Oeste de Santa Catarina, escolhidas por ofertar o ensino médio, valorizando a estimativa de idade dos alunos. Para isso, foi empregado o método qualitativo, focalizando casos específicos de violência e abordando a importância do gestor educacional como figura

\* Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; adineia\_pzt@hotmail.com

\*\* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê e Coordenadora do Curso de Educação Especial na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê

frente ao contexto escolar, destacando sua autonomia e poder de decisão nas ações para o enfrentamento ao combate e à prevenção dos atos violentos no âmbito escolar.

Para a coleta de dados, foi utilizado questionário de pesquisa, organizado a partir das informações de noticiários relacionadas à Violência na Escola, divulgadas no Jornal Folha de São Paulo – selecionado em razão de a sua veiculação ser de abrangência nacional e que demonstra que as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro possuem a maior taxa de violência nas escolas do Brasil.

Permearam o período de investigação os anos de 2008 a 2013; os gestores foram convidados a se posicionar frente ao fenômeno da violência que está em evidência na contemporaneidade.

### 3 VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência pode ser caracterizada em várias instâncias, como o não reconhecimento do outro, a falta de diálogo, a dificuldade entre a compreensão e a comunicação entre os pares. A pessoa que pratica ato violento não reconhece a vítima como ser humano, mas manifesta intolerância com esta. O dicionário Michaelis (2008, p. 916), de forma concreta e científica, cita violência como “[...] qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa. Constrangimento, físico ou moral, exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem [...]”

É possível falar de violência a partir da constituição da sociedade brasileira, na ocupação do território brasileiro pelos europeus perante a destruição de centenas de aldeias indígenas, para conseguir atingir os seus objetivos: posse de território e das riquezas que aqui havia. Os índios que não foram mortos saíram vitimados ao longo do processo de colonização, sofrendo como escravos e, conseqüentemente, por uma violência caracterizada como física e simbólica.

Com a ampla especificidade que tem sido atribuída pela mídia ao tema, cria-se uma visão que a violência está em todos os lugares, ou tão somente na classe social menos favorecida.

O grande perigo, quando se fala sobre o tema, é, por um lado, cair em uma visão catastrófica, dramatizando o problema, “Apologizando” o fenômeno, criando uma profunda fascinação sobre o mesmo, e, por outro, banalizá-lo por considerar que a violência é somente um problema social e político, que não pode ser resolvido, e, por consequência, o cidadão comum não poderá fazer para combatê-la. (ABRAMOVAY, 2010, p. 212 apud UCZAI, 2010, p. 212).

Utopia pensar que a violência é relativamente um ato vinculado à classe social; ela está direcionada à realidade social em um sentido amplo. No ponto de vista dimensional, a violência assume postos macro e micro, apresenta-se de diversas formas e está presente em diversos ambientes – nas ruas, nas famílias, nos clubes e nas escolas.

Abramovay (2010 apud Uczai, 2010) relaciona microviolência às manifestações ocorridas no cotidiano, em que estão incluídos os fenômenos violentos os quais ocorrem na escola, manifestações essas que podem constituir xingamentos entre alunos, vandalismos ao patrimônio da escola, discussões entre aluno e professor. Já a macroviolência é aquela decorrente de crime e contravenções penais, em que o indivíduo é punido de forma severa, perante a modalidade do crime praticado, e a violência simbólica é enfatizada com o domínio, ou seja, pessoas que exercem poder de manipulação sobre outra(s) – esta aparentemente se mostra menos agressiva, mas a que deixa marcas na constituição desses indivíduos, na sociedade e grande revelação dos problemas direcionados do ensino e aprendizagem.

O espaço escolar tem como concepção a busca do conhecimento, ambiente que deveria ser exemplo de civilização. Segundo Uczai (2010), a escola é entendida como lugar de transmissão do patrimônio cultural e científico da humanidade, cabendo a ela formar, no sentido amplo do termo, crianças, adolescentes e jovens. Infelizmente, a expectativa é desanimadora, pois pesquisa recente na mídia mostra a violência escolar como fenômeno da contemporaneidade, relacionada com a rapidez das mudanças sociais.

A forma como vem crescendo a violência no âmbito escolar é assustadora. Os atos violentos não somente causam degradação do ambiente escolar ou xingamentos entre alunos; o grande fenômeno violento causa penetrações de gangues do tráfico de drogas, que ficam nos portões das escolas esperando o melhor momento do ataque, e os jovens adolescentes são os alvos. Aproximam-se dos adolescentes como grandes amigos, fazendo-lhes acreditar que as drogas são a solução de todos os problemas. Decadentes de conselhos positivos, os jovens “abraçam” esses bandidos como se eles fossem os responsáveis pela sua existência. Estes, por sua vez, aproveitando da ingenuidade dessas crianças, ofe-

recem, sem custo algum, drogas e bebidas, isso até que se tornam dependentes químicos – nesse estágio, o “brinde” já não se faz mais pertinente, cabendo ao adolescente a compra da droga, momento esse em que começam as devastações familiares, e assim se segue o contexto novamente.

Vale a pena citar Uczai (2010, p. 215), que descreve o fato de que a violência toma dimensões e, com maior frequência, surgiram novas formas de violência. Com a modernização da contemporaneidade, a escola também enfrenta as transformações que exigem atenção. Nossos alunos não são mais os mesmos da Idade Média, época em que as mães ficavam em casa, e a assistência era mais complexa – hoje, as mulheres trabalham igual ou mais que os homens, afetando o comportamento das famílias brasileiras.

O ato de violência simbólica praticado nas relações interpessoais que ocorrem no cotidiano da escola transforma, muitas vezes, os atos mais profundos, causando efeitos traumatizantes nos indivíduos, com traços marcantes para o resto da vida.

Apesar de não ser no ambiente escolar que acontecem os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim este é um fenômeno preocupante tanto pelas sequelas que diretamente infligem aos atores participantes e as testemunhas, como pelo que contribui para as rupturas com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser e da educação, como veículo por excelência do exercício e da aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência. (ABRAMOVAY, 2010, p. 215 apud UCZAI, 2010, p. 215).

Todavia, a escola, enquanto instituição social, é um espaço no qual as diferenças se encontram. Nesse sentido, é função social da escola ensinar a conviver em grupo, aprender a lidar com as diferenças de cada indivíduo, e a melhor forma não é a violência para mediações de problemas, e sim saber solucioná-los de forma racional. Assim, acredita-se que a gestão democrática e participativa presente configura estratégia eficaz de prevenção e combate à violência na escola.

## 4 GESTÃO ESCOLAR

Com o evoluir, a concepção de uma gestão autoritária vem sendo desconstruída, deixando de lado aquele gestor que tomava atitudes isoladamente, sem opiniões dos participantes da escola, aos moldes de administração de empresa. Agora, assume-se uma gestão democrática que enfatiza a participação da comunidade escolar como um todo, e as decisões são tomadas de forma conjunta com seus membros.

Implica ações que envolvem a escola e suas relações externas, tais como os níveis superiores de gestão do sistema escolar, os pais, as organizações políticas e comunitárias, cidades e os equipamentos urbanos. O objetivo dessas atividades é buscar as possibilidades de cooperação e de apoio, oferecidas pelas diferentes instituições, que contribuam para o aprimoramento do trabalho da escola, isto é, para as atividades de ensino e de educação dos alunos. Espera-se especialmente, que os pais atuem na gestão escolar mediante canais de participação bem definidos. (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI 2003, p. 348-349).

Libâneo, Oliveira e Toschi (2003) citam que a tomada de decisões na instituição escolar está vinculada à interação entre pessoas, à forma como se comunicam e aos objetivos pedagógicos pretendidos. Desse modo, a gestão fica incumbida de administrar esses processos, que se constituem de etapas, de tarefas executadas com vistas a uma realização final. Até se chegar a uma determinada decisão e fazê-la funcionar de forma que uma situação seja modificada ou mantida, ocorre a formação de um ou vários processos. Quem administra e conduz esse caminho processual são os membros da gestão, responsáveis em promover situações para que a comunidade possa participar, e que essa participação seja facilitada, adequando horários e momentos.

É a administração se fazendo em ação na sala de aula, por conter “em germen” o espírito e o conteúdo do projeto político-pedagógico que expressa, democraticamente, os compromissos e o norte da escola através da gestão do ensino, da gestão da classe, da gestão das relações, da gestão do processo de aquisição do conhecimento, pois a escola e a sala de aula estão interligadas de todas as maneiras. (FERREIRA; AGUIAR, 2001, p. 310).

Embora a democratização siga a passos largos para ser efetivada, ainda se depara com gestores negligentes perante fatos violentos na escola, os quais preferem transferir o problema ao invés de solucioná-lo. O perfil dos estudantes mudou ao longo do tempo, e a escola manteve-se reproduzindo valores tradicionais. Hoje, a escola não pode mais pregar conceitos como que é função da família educar seus filhos, cabendo à escola somente a função de instruir. Nada mais disso pode acontecer nas escolas, sendo elas privadas ou públicas. Essas duas regras devem andar juntas: educar diz respeito a um processo de desenvolvimento, e este perpassa também pela escola. A escola, nessa perspectiva, deve criar uma nova identidade, com dinâmicas curriculares significativas que enfatizem valores e emoções, preconizando a vida familiar de cada aluno, ter em mente o diálogo e a compreensão antes do julgamento. A dificuldade que as escolas têm com a violência está relacionada à forma que enxergam, procuram acabar com a violência nelas, mas não entendem porque ela acontece. A diversidade se faz presente; não é possível “fechar os olhos” e pensar que transferir o problema ou a punição é um meio de criar uma sociedade mais crítica, pois se estará contribuindo com o descaso com a educação pública brasileira.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

Orientada pelo objetivo de analisar posicionamentos de gestores escolares sobre o fenômeno da violência na comunidade escolar, a proposta inicial foi organizada de modo a se abrir diálogo com quatro profissionais que atuam na gestão de escolas de educação básica. Conforme observado, tratam-se de escolas que oferecem ensino médio, haja vista o interesse de explorar mais especificamente o cenário escolar em que se encontram adolescentes e jovens.

Os sujeitos de pesquisa, portanto, foram contatados com antecedência e prontamente se dispuseram em participar da pesquisa, haja vista a atualidade do tema e sua importância no debate atual sobre educação pública no país.

Dos quatro gestores consultados, três deles estão na faixa de idade entre 33 e 37 anos; apenas um, portanto, possui idade de 52 anos. Embora um dos gestores não tenha se manifestado sobre sua experiência no magistério, os demais assinalaram possuir experiência superior a 12 anos, o que representa uma significativa inserção no campo da prática docente.

Outro aspecto levantado, relativo ao perfil dos respondentes, foi a formação. Sobre ela, podem-se apontar dois gestores com especialização, um deles com Curso de Educação Física e outro formado no Curso de Letras – com ênfase em Língua Estrangeira.

Aos respondentes, foram apresentadas as questões de pesquisa, elaboradas por meio de noticiários vinculados no Jornal Folha de São Paulo, que apresentavam fatos reais relacionados à violência na escola, de abrangência nacional e internacional. Nesse sentido, foi questionada a opinião dos gestores frente ao alto índice de noticiários vinculados à violência na escola, e as respectivas respostas foram diferenciadas entre eles. Um dos gestores comenta que é algo preocupante, recente na mídia; mas, como cita o outro gestor, a violência vem desde a criação das escolas, acrescentando que os alunos deveriam se focar no aprimoramento de seus conhecimentos, e não na geração de conflitos. Já outro gestor observa que esses índices são resultado da falta de estrutura familiar e do comprometimento dos pais com os seus filhos. E, o quarto gestor questionado, aborda a violência na escola como a realidade no momento. As seguintes afirmações ilustram bem o retrato aqui passado.

No que diz respeito à negligência de diretores em face aos atos violentos no âmbito escolar, as respostas mostram dois argumentos principais. O primeiro aponta que os gestores não deveriam ser negligentes, e outra opinião assevera que os gestores, com a equipe pedagógica, devem caminhar do mesmo lado, visando ao mesmo objetivo. Os discursos tendem a ser simplificados: “[...] o poder do gestor escolar e sua equipe pedagógica é trabalhar diretamente com os problemas, sejam eles de indisciplina, aprendizagem ou psicológicos.” (informação verbal). Conforme se discutiu neste trabalho, a gestão escolar é muito importante para a instituição, visto que é de responsabilidade da gestão promover situações facilitadoras para que a comunidade possa participar.

O jornalista George Aravanis, do Jornal Folha de São Paulo, publicou no Caderno Cotidiano, de 08 de novembro de 2008, a seguinte manchete: “Família é acusada de ter agredido dois professores”. O autor relata que a mãe e dois filhos, um com 18 anos de idade e outro com 27 anos, invadiram uma escola no interior de Barretos, SP e agrediram dois professores, com a justificativa de que seu filho de 14 anos foi antes agredido por um docente. Dessa maneira, uma professora levou cinco pontos na cabeça, e outro docente teve hematomas pelo corpo.

Apresentada a matéria aos sujeitos da pesquisa e tendo-lhes solicitado que se manifestassem quanto à forma como agiriam enquanto gestores se caso semelhante ocorresse em suas escolas, todos os gestores declararam que se baseariam no projeto político-pedagógico da escola, por se tratar de documento que apresenta normas a serem seguidas. Nesse sentido, o procedimento seria chamar as partes para diálogo; em se tratando de caso de agressão, os professores seriam orientados a procurar medidas judiciais, de modo a representar a família ou responsáveis. Ato contínuo, seria providenciada a transferência do aluno para outra escola. Conforme destaca um gestor, “[...] os alunos, caso todas as providências cabíveis já tenham sido tomadas, com registro do BO (Boletim de Ocorrência), e por não haver como permanecer nesta escola, seriam transferidos (tudo legal e respeitando o ECA).” (informação verbal).

Um dos pressupostos da constituição de atos violentos contra professores em sala de aula é a proibição do uso de celular. O Jornal Folha de São Paulo, de 22 de setembro de 2011, publicou, no Caderno Cotidiano, o texto do jornalista Fábio Takahashi, relatando que uma professora de 54 anos, em uma escola estadual de Mogi das Cruzes, SP, foi agredida por um aluno de 14 anos, por insistir que ele desligasse o celular em sala de aula. As escolas estaduais de Santa Catarina estão amparadas pela Lei n. 14.363, de 25 de janeiro de 2008, a qual dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais. Diante disso, os gestores foram indagados a se posicionar frente a esse fato no seu âmbito escolar. Um dos respondentes, quando questionado, relatou não permitir o uso de eletrônicos em sala de aula: “[...] quando o aluno insiste no uso, é informado à direção, que tomará as medidas cabíveis pela lei.” (informação verbal). Os gestores salientam que essa lei que proíbe eletrônicos em sala de aula não foi pensada no futuro, pois celulares podem ser utilizados como ferramenta pedagógica. Outro dado que chama a atenção é quando um dos gestores descreve que “[...] a escola possui regras, e estas devem ser cumpridas, chamando o diretor, Conselho Tutelar e polícia. Faria um BO e pediria ao aluno que procurasse outra escola, pois onde já teve atrito entre professor e aluno, é complicado ambos ficarem no mesmo ambiente.” (informação verbal). Ainda no que se refere ao uso de celular em sala de aula, perguntou-se de que maneira a gestão trabalha com os alunos no impedimento do uso de celular em sala de aula. Destacam-se três focos de entendimento: dois gestores compensam o uso na entrada e no intervalo, pois pode ser utilizado como ferramenta pedagógica; o segundo posicionamento se faz valer das normas da escola; o terceiro gestor tece o seguinte comentário: “É muito difícil, pedimos que o aluno não use em sala de aula, onde os professores não permitem. Caso o aluno insista em usar, retiramos o celular do aluno, e o mesmo poderá ser pego pelos pais após 24 horas de retenção na escola.” (informação verbal).

No que se refere a atos violentos no âmbito escolar nos dias atuais, podem-se destacar requintes de crueldade. Laura Capriglione, jornalista do Jornal Folha de São Paulo, abre o Caderno Cotidiano, de 08 de novembro de 2008, destacando: “Menino de 10 anos entra na escola, atira na professora e depois se mata dentro da sala de aula”. Atos desse gênero agridem as relações humanas, criando fantasmas ao longo da existência de muitos indivíduos vitimados, impedindo e dificultando não somente o seu desenvolvimento, mas a construção de uma sociedade honesta e ética, haja vista que a escola que sofre crueldades desse gênero sofrerá sérias consequências estruturais, direcionadas aos professores, alunos e funcionários. Nesse pressuposto, os gestores se posicionaram caso ocorresse fato semelhante em sua escola de quais seriam os passos para uma reestruturação efetiva. Os argumentos se situam em dois entendimentos: três gestores concordam que a prioridade é o trabalho psicológico com a comunidade escolar, com profissionais da área, com a participação dos pais, uns de forma coletiva, outros individualmente, respeitando cada particularidade. Um dos dados que chama a atenção é o posicionamento de um dos gestores:

Deve-se aumentar a segurança da escola com instalação de detector de metais, para evitar a entrada de armas no ambiente escolar; instalação de câmeras de monitoramento no ambiente escolar, dando segurança aos professores e alunos, salientando que os recursos devem ser aplicados pela instituição responsável pela unidade escolar. (informação verbal).

Um dos gestores questionados disse não entender a questão e preferiu não responder.

Os atos violentos na contemporaneidade são fato repetitivo no âmbito escolar, tornando-se questionamentos de pesquisas. O Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo pesquisou sobre violência nas escolas públicas, com a pergunta: “A escola sofreu algum tipo de violência em 2007?” A jornalista Bruna Saniele, colaboradora do Jornal Folha de São Paulo, publicou no Caderno Cotidiano, de 14 de novembro de 2008, o

resultado da pesquisa. Saniele cita que o resultado foi “coisa de filme de terror”; 86% das escolas entrevistadas afirmam ter sofrido atos violentos.

No que diz respeito ao alto índice de violência na comunidade escolar, a preocupação é o crescimento da violência e saber se a escola desenvolve algum planejamento perante esse fato. Desse modo, a perspectiva neste trabalho foi satisfatória, pois todos os gestores afirmaram possuir projetos direcionando sempre pela paz e harmonia dos discentes, ressaltando que “[...] trabalhamos, com os mesmos, normas, direitos e deveres.” (informação verbal). Vale a pena destacar outra opinião em que o entrevistado enfatiza a ausência do Poder Público para desenvolver políticas para diminuir as diferenças sociais. Frente a essa realidade, destacam-se variedades de posicionamentos de gestores, buscando novos recursos para solucionar esse enigma em sua escola. Vale dizer que se faz pertinente a atitude de uma diretora de uma escola de Ribeirão Preto, que faz negociação com os alunos para não haver mais depredações em sua escola – uma das maneiras descritas por ela foi solucionável. O papel de educar cabe não somente à escola, mas a um conjunto de fatores, entre os mais importantes a família, já descrito aqui neste trabalho. Nesse sentido, buscou-se a opinião dos gestores sobre a atitude da diretora da escola de Ribeirão Preto de negociar com os alunos para acabar com o vandalismo. Um dos gestores demonstra-se totalmente contra, pois se a escola oferece ao aluno uma estrutura adequada às suas expectativas, limpa e organizada, e os alunos aprendem a respeitá-la, torna-se um ambiente desejável por eles. De outro lado, três gestores concordam com a atitude da gestora e ressaltam ser uma negociação limpa, com respeito e atitude de hombridade entre ambos, pois a escola é pública e de todos, pensando sempre no futuro, quando novos alunos irão usufruir do patrimônio, mas utilizam a expressão “aonde chegamos?” Ainda no que se refere ao vandalismo, os gestores destacaram atitudes tomadas por eles para evitar essa modalidade em sua escola, ressaltando que todas as escolas sofreram algum tipo de vandalismo em suas dependências. Com relevância nas respostas foi a conscientização, buscando o entendimento de que a escola é de todos, não somente dos professores, funcionários e Estado, mas de um conjunto amplo no qual estes estão inseridos. Outro argumento que chama a atenção é que um dos gestores entrevistados descreveu que o patrimônio é público: “[...] se o mesmo for danificado, deve ser repostado pelo aluno que danificou – caso contrário, são tomadas atitudes via Judiciário, com informativo aos pais e responsáveis, em que o aluno com idade superior a 12 anos terá representação contra si.” (informação verbal).

A gestão democrática e participativa presente configura-se como estratégia eficaz de prevenção e combate à violência na escola, e se está a passos largos para a efetividade da democracia. Os entrevistados deste trabalho compreendem e destacam a importância da gestão para inibir o alto índice de violência nas escolas públicas, atribuindo regras claras, conscientização e diálogo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência escolar tem se caracterizado como um problema da contemporaneidade, afetando não somente o convívio social na escola, mas também (e talvez principalmente), o processo de ensino-aprendizagem.

Em vista dessa realidade, como forma de enfrentar o fenômeno da violência, vê-se emergir diferentes estratégias no campo da gestão escolar, cada qual buscando formas que, vezes mais, vezes menos, incluem medidas de controle e de conscientização. Nesses processos, o papel do gestor é fundamental, assim como é a preservação de valores e procedimentos democráticos com o envolvimento da participação da comunidade escolar com o tema.

Partindo desse pressuposto, no presente trabalho buscou-se analisar reações e propostas de ação em gestão escolar indicadas por gestores escolares quando chamados a se posicionar frente a fenômenos pontuais de violência, frequentemente tornados públicos pela mídia.

Os resultados colhidos, conforme se procurou demonstrar, fazem-se satisfatórios, em razão da participação coletiva dos gestores, demonstrando-se preocupados com a crescente manifestação de atos violentos na escola.

É possível concluir que os gestores entrevistados possuem duas linhas de pensamento. Quando convidados a se posicionar como envolvidos nos casos publicados sobre violência no Jornal Folha de São Paulo, buscariam meios que auxiliassem no resgate desses indivíduos. De outro lado, há gestores que, diante de atos violentos, acreditam que os indivíduos violentos criam um círculo de atrito dentro da escola, e não havendo mais o que fazer, a última alternativa seria a de transferi-los para outra escola. Dessa maneira, o entendimento dos gestores é de que a transferência de ambiente

escolar constitui uma forma de punição pelo descumprimento de regras, pela escola instituídas no seu regulamento interno, e, como consequência, haveria mudança de comportamento.

A reflexão que perpetuou neste trabalho não é de acabar com a violência, mas descobrir porque ela existe. É necessário ir além das leis e das exigências de mudanças políticas. É preciso doar-se todos os dias, com a expectativa de que, com pouco, a escola poderá fazer muito.

### *Management school in the face of violence phenomenon*

#### *Abstract*

*This article aims to analyze the reaction of basic education school principals of Xanxerê, SC and proposes school management actions when they are called to talk about violence specific phenomena experienced in other academic contexts. The methodology used was based on literature searches in order to elect a theoretical framework, and news reporting the position prospect on the issue at the national and international levels, considering the high number of news related to school violence and empirical data obtained through a questionnaire. After accomplishing this work, we observed two understandings to insist on the changes and the removal of the student in order to end violence in school.*

*Keywords: Violence in school. School management. Managers position. Folha de São Paulo.*

#### REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**: Brasília, DF: Unesco Brasil, 2002.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ARAVANIS, George. Família é acusada de ter agredido dois professores. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 nov. 2008. Caderno Cotidiano, p. 4.

BLIN, Jean François. **Classes difíceis**: ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CAPRIGLIONE, Laura; PESSOA, Luiza. Era um menino de família, dizem os colegas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 set. 2011. Caderno Cotidiano, p. 1.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Interface**: Sociologias. Porto Alegre, ano 4, n. 8, 2002.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Angela da S. **Gestão da educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

MICHAELIS. **Dicionário Prático de Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

NARDI, Elton Luiz; SANTOS, Robinson dos. **Pesquisa**: teoria e prática. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

OLIVEIRA, Eny da Luz Lacerda. Gestão escolar e combate à violência: uma articulação necessária. **Contrapontos**, Itajaí, v. 8, n. 3, 2008.

SANIELE, Bruna. 86% das escolas de SP relatam violência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 nov. 2008. Caderno Cotidiano, p. 4.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria da Educação. **Lei n. 14.363**, de 25 de janeiro de 2008. Disponível em: <[http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/legislacao/doc\\_details/595-lei-no-14363-de-25-de-janeiro-de-2008](http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/legislacao/doc_details/595-lei-no-14363-de-25-de-janeiro-de-2008)>. Acesso em: 05 ago. 2015.

TAKAHSHI, Fábio. Estudo mapeia violência em escola pública. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 maio 2009. Caderno Cotidiano, p. 10.

TAKAHSHI, Fábio. Professora apanha de aluno ao proibir uso de celular na aula. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 set. 2011. Caderno Cotidiano, p. 8.

UCZAI, Pedro (Org.). **Outra educação é possível e necessária**: os desafios da educação brasileira. Florianópolis: [s.n.], 2010.